

CARTA DE JORGE DE SENA A JOSÉ FERNANDES FAFE<sup>1</sup>

Araraquara, 10-7-62

Meu caro Fafe<sup>2</sup>

A sua carta de 30 de Junho, reiterando a carta da Maria Virgínia<sup>3</sup>, chegou sem demora, quando eu estava no Rio, chamado pelo Ministério da Educação, para fazer parte da comissão de reestruturação dos cursos universitários de Letras... É uma grande distinção que, como sempre sucede nestas coisas muito oficiais, faz que a gente ande com o dinheiro das despesas, e seja reembolsado não se sabe quando! Cá como lá.

Quero que v. se convença – e eu, que tenho vivido sempre com a corda na garganta, sei bem como é difícil – de que nem um só momento deixo de ter presentes as suas aflições, e o quanto me cabe nelas. No dia em que escolhi, pela engenharia, a carreira universitária, era inevitável que passaria aqui o resto da vida, em luta com a falta de dinheiro. Mas posso prometer-lhe, embora não em dia certo, que V. receberá mensalmente o equivalente a mil escudos, quando não for possível pagar remessas extraordinárias, como esta que pude fazer agora.

Muito obrigada pelo que me diz do *Reino da Estupidez*<sup>4</sup>, sobre o qual, em matéria de recortes, caiu, ao que concluo, um silêncio de pedra. Eu não estranho que assim seja: é imensamente desagradável que, no entanto, foi aqui aclamado pela crítica. Mas, aí, a coisa é bem diversa. As coligações que V. chama de «bem pensantes», e que incluem, no mesmo saco, tudo o que vai da *Gazeta*<sup>5</sup> ao *Tempo Presente*<sup>6</sup>, precisam de ter o maior cuidado comigo: estou crescendo, virando internacional, sou chefe político, o diabo, e posso estragar, ou poderia eventualmente..., a vida de muita gente. É um puro engano. Eu não tenho a mínima intenção de voltar a Portugal, mesmo que o depois de Salazar caia, para tornar a engenheiro da Junta Autónoma das Estradas... E não há perigo de que as Natálias<sup>7</sup> (nome ideal para significar essa corja), quando forem ministros, me queiram para diretor-geral. Quanto à «universidade», deslustrar-se-ia, se eu fosse catedrático. Continuo, sob este aspecto, a acalentar o sonho de ser embaixador fora daí...

Se V. não fala na generalidade mas quer significar que isso se diz de mim, quando afirma começam a sussurrar que eu perverto a juventude... – aproveito para dizer que, de facto, e isso mesmo que eu pretendo, e em vinte e cinco anos de atividade nunca pretendi outra coisa. Sou e serei cada vez mais marxista, sem ser

comunista de filiação partidária, mas sem ser, também anticomunista de qualquer corte de esquerda desde o reformismo ao trotskismo, que ambos repudio. Sou e serei sempre católico, e anticristão, pelas mesmas razões... E não direi nunca que uma besta não é uma besta. De modo que não só não faço pela subsistência, como de facto perverto a juventude conclamando-a a que seja autêntica e que rasgue toda e qualquer moral convencional. Sou mesmo, não há dúvida, um sujeito perigoso: perverso, obsceno e subversivo. Neste momento, acabo de escrever, para publicação, um magno ensaio sobre Marx, de capital importância como exposição do meu pensamento. É para um livro, a editar em São Paulo, sobre dez obras e autores importantes: couberam-me o Marx e o Maquiavel, sobre que escrevi<sup>8</sup>. Mandar-lhe-ei, quando sair.

Está no prelo a minha História da Literatura Inglesa<sup>9</sup>; reúno os meus «ensaios camonianos»; preparo a edição de um vasto estudo sobre Camões, 300 páginas dactilografadas, formato grande; cuido da reedição acrescentada da *Tipologia Literária*<sup>10</sup>; revejo os meus contos *Os Grão-Capitães*<sup>11</sup> que horrorizarão (até porque as retrata), a Sociedade Recreativa de Putas Honorárias, que hoje pontifica nas letras pátrias; continuo a escrever poemas; vou lançar-me à edição do *Livro do Desassossego*<sup>12</sup>, do Pessoa; conluo os «poemas ingleses»<sup>13</sup> dele; reúno os meus ensaios norte-americanos; etc. Isto me consola das Natálias daí e dos Sertórios<sup>14</sup> e Galvões<sup>15</sup> daqui. Porque, na verdade, num caso, quando a gente vem para o estrangeiro, é que a gente tem perspectiva justa para ver como a nossa raça é mesmo de filhos das supracitadas, com algumas exceções raríssimas, mas muito melhores do que as existentes onde a putidade é melhor distribuída.

Dê notícias que anseio receber. A Mécia e eu mandamos as melhores lembranças. E aqui vai o grande abraço muito amigo do sempre grato

seu

Jorge de Sena

PS – Como deve ter sabido, mandei a *Gazeta*<sup>16</sup> à fava, com uma carta seca à Dona Quinta.

PS – Espero que a próxima remessa seja por intermédio do António Pedro<sup>17</sup> que deve estar em São Paulo e ainda não vi.

<sup>1</sup> Carta inédita gentilmente cedida por Mécia de Sena.

<sup>2</sup> José Fernandes Fafe, além de escritor é diplomata. Considerado em Portugal como «mentor» da chamada «esquerda liberal», é autor da primeira biografia de Ernesto Che Guevara, e, com base em sua experiência como embaixador em Cuba, escreveu recentemente um livro sobre Fidel Castro. Integra as *Líricas Portuguesas*, sendo assim apresentado por Jorge de Sena: «Nasceu no Porto, a 31 de janeiro de 1927. Estudou em Lisboa e Coimbra, onde se formou em Ciências Histórico-Filosóficas, tendo sido em Lisboa professor do ensino secundário. Tem colaborado em diversas revistas e jornais como *Seara Nova*,

*Vértice*, *O Comércio do Porto*, etc. A sua poesia, característica do que poderia chamar-se uma segunda geração neorrealista, apresenta, nos seus melhores momentos, um sóbrio equilíbrio entre um sempre desperto sentido das implicações sociais da poesia e um lirismo simples, no entanto sensível a uma imagística elaborada, de raiz discretamente barroca; e os poemas adquirem então um como que andamento desprentensioso e emotivo, que lhes empresta uma singela e nobre elegância.»

<sup>3</sup> Esposa de José Fernandes Fafe.

<sup>4</sup> Livro de Jorge de Sena publicado em 1961.

<sup>5</sup> Possivelmente a revista *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, publicada em Lisboa, na qual Jorge Sena colaborou intensamente de 1958 a 1961.

<sup>6</sup> *Revista Portuguesa de Cultura* publicada entre 1959 e 1961, dirigida por Fernando Guedes (antologado nas *Líricas Portuguesas* de Jorge de Sena), acusada de porta-voz de uma «arte fascista».

<sup>7</sup> Possível alusão à desabrida e controversa escritora Natália Correia (1923-1993), que também foi incluída por Jorge de Sena nas *Líricas Portuguesas*. Num ensaio de 1975, é assim apresentada pelo escritor: «Tão corajosa e tão franca [...] é Natália Correia (n. 1922), poeta e ficcionista que alinha entre as melhores escritoras actuais, que chocou os críticos e o público com a violência e o erotismo das suas últimas obras – é actualmente uma das mais activas jornalistas, escrevendo acerca da Revolução, como muitas outras mulheres têm feito (e a piada em Portugal é que algumas delas têm sido mais «viris» do que os homens, na atitude de desafio de tudo)» (*Estudos de Literatura Portuguesa* III. Lisboa, Ed. 70, 1988, p. 151)

<sup>8</sup> Os dois ensaios foram publicados em 1963 no volume coletivo *Livros Que Abalaram o Mundo* (São Paulo, Ed. Cultrix) e hoje integram o livro seniano *Maquiavel, Marx e Outros Estudos*.

<sup>9</sup> O livro de Jorge de Sena *A Literatura Inglesa: Ensaio de Interpretação e de História* teve sua 1.<sup>a</sup> ed. em 1963, pela Ed. Cultrix, de São Paulo.

<sup>10</sup> O «Ensaio de uma Tipologia Literária» hoje integra o livro seniano *Dialécticas Teóricas da Literatura*.

<sup>11</sup> Escrita entre 1961 e 1962, esta «sequência de contos» só teve sua primeira edição em 1976, ou seja, depois do «25 de Abril».

<sup>12</sup> Devido a dificuldades várias, este projeto foi abandonado por Jorge de Sena em 1969. Ver, a propósito, a revista *Persona* n.º 13 (Porto, julho de 1979) e a coletânea de ensaios de Jorge de Sena *Fernando Pessoa é C.<sup>a</sup> Heterónima*.

<sup>13</sup> A 1.<sup>a</sup> edição de *Poemas Ingleses de Fernando Pessoa*, com prefácio, tradução, notas e variantes de Jorge de Sena (em colaboração com Adolfo Casais Monteiro e José Blanc de Portugal nas traduções), ocorreu em 1974, integrando as *Obras Completas de Fernando Pessoa* da Ed. Ática.

<sup>14</sup> Manuel Sertório (1926-1985), advogado ligado ao PCP, esteve exilado no Brasil entre 1958 e 1965, onde atuou junto ao grupo anti-salazarista de São Paulo, reunido em torno do jornal *Portugal Democrático*. Refugiou-se depois na Argélia, regressando a Portugal depois do «25 de Abril».

<sup>15</sup> Henrique Galvão (1895-1970), ex-militar que conspirou contra o governo de Salazar, notabilizou-se por comandar a tomada do paquete *Santa Maria* em janeiro de 1961. Rendendo-se, pediu asilo político ao Brasil, onde aderiu ao grupo dos oposicionistas em São Paulo, onde faleceu.

<sup>16</sup> Vide nota 5.

<sup>17</sup> Artista polifacetado (1909-1966), esteve ligado a vários movimentos de vanguarda, sobretudo ao Surrealismo, e foi diretor, encenador, professor de teatro, pintor, ceramista, escritor, ensaísta... Foi também incluído por Jorge de Sena nas *Líricas Portuguesas*. Além de sempre o mencionar nos textos em que focaliza o Surrealismo, Jorge de Sena, ao saber de seu falecimento, dedicou-lhe um extenso artigo-necrológico, que hoje integra os *Estudos de Literatura Portuguesa* I.